



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 02 | N°. 04 | Ano 2021

DOSSIÊ – REVISITAR O COLONIAL A PARTIR DO OLHAR DISTANCIADO: NOVAS REPRESENTAÇÕES E INTERPRETAÇÕES

Núbia Aguilar Moreno

Yuri Manuel F. Agostinho

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
iwaldomarciano@gmail.com

Cinthia Nolácio de Almeida Maia
cinthianolacio@yahoo.com.br

REVISITAR O COLONIAL A PARTIR DO OLHAR DISTANCIADO: NOVAS REPRESENTAÇÕES E INTERPRETAÇÕES

NÚBIA AGUILAR MORENO ¹

YURI MANUEL FRANCISCO AGOSTINHO ²

Revisitar o colonial não se encontra nas margens de eventos entrepostos em um passado remoto, mas sugere corresponder a incômodos que guiam as pesquisas realizadas no tempo presente, bem como traz indicativos que podem ecoar em interesses futuros. Tangente a este exercício, nos deparamos com insígnias de poder, que afetam diferentes espaços, por meio de sobrevivências. Com uma empreitada que movimentou diferentes esferas, o colonialismo teve no campo discurso um de seus investimentos basilares, que buscou dimensionar representações, proficuamente disseminadas, sobre indivíduos e povos africanos. Os efeitos deste investimento, podem ainda hoje serem lidos, debatidos e criticados, para manter aquecidas visões que transcorrem sobre agências e vivências presentes em diferentes regiões ao longo deste período.

Ao mirar o desejo de prosseguir com os debates acerca do continente africano, este dossiê traz em suas páginas pesquisas que assumem por tarefa dar continuidade a este propósito. Discutir sobre temas, a partir de recortes, projetos para incitar debates, continua a ser um movimento político que envolve sujeitos interessados em contemplar interesses diversos. Neste caminho, a História da África se insere em um campo interseccionado por necessidades sociais que buscam no passado vestígios que atendam a questionamentos que surgem a todo vapor no presente. O desdobramento desta proposta reverbera em produções que somam perspectivas a particulares, imbricadas em compartilhamentos de coletividades.

Para fomentar estes debates, teremos o prazer de contar com o trabalho de Moisés Correa da Silva, dedicado em intercruciar caminhos percorridos no Atlântico, para a construção de trocas incessantes de práticas e saberes diversos. Com “Fluxos e Refluxos” de Pierre Verger, Moisés retoma em mãos temáticas que se alastram em atuais solos brasileiros e africanos, que foram no passado atravessados por intenções que o autor busca, em seu exercício, desvelar. Arelado a figura emblemática que representa Verger, sua leitura nos aproxima, mais uma vez, de questões dispostas às realidades envolvidas a uma dinâmica comercial densa, sem deixar de trazer informações sobre disposições culturais e políticas.

E será desse lado do Atlântico, em África, que encontraremos debates outros, potentes na busca de compreender dinâmicas sociais dispersas entre os séculos XIX e XX. Sem muitas dúvidas que o comércio é um dos temas mais reveladores quando nos deparamos com os arranjos

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História da USP.

² Professor da Faculdade de Artes – Universidade de Luanda. Mestre em Ensino de História da África pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda - (2016). Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

desenvolvidos no século XIX. Ao envolver interesses múltiplos nestas dinâmicas, encontramos sujeitos históricos que atravessavam o continente para realizar permuta. Ao lado de seus bens comerciais, levavam um pouco de suas referências. Por meio dos contatos, criavam novas, em um exercício potente de conectar distintas informações em uma rede fluante. Ivan Sicca Gonçalves nos traz um pouco desta realidade, no que diz respeito ao território de atual Angola. Interessado em discutir sobre a formulação de redes de trocas, coloca em primeiro plano sobas, encarregados portugueses e outros indivíduos, que faziam nas regiões constructos comerciais complexos. Diante de interesses coloniais incipientes, entra em choque a realidade com os desejos que a população local buscou por distintos caminhos manter.

Para entender um pouco mais dos acontecimentos que tiveram por cenário a região de Angola, poder-se-á ler o trabalho realizado por António Ndelesse Epifânio. O foco do autor recaiu sobre as malhas envolventes ao Museu de Huíla. Nas interrogações sobre o passado, este trabalho recorre a incômodos que provêm do próprio presente, no questionamento do lugar social que a instituição museológica possui. O encontro entre passado e presente, transcorre o debate sobre quais os espaços ocupados pelos lugares de memória - como o museu em questão - assumem atualmente na sociedade, ao dispor de forma crítica a leitura sobre monumentos e representações.

Nestas interrogações sobre o presente, emergem também críticas sobre a forma como o passado é construído. A história como fruto do seu tempo revela interesses do agora. Para entender um pouco mais desta dinâmica, o trabalho de Yuri Manuel Francisco Agostinho intercala passado e presente, na teia de interesses que envolveram a produção sobre representações pensadas para a composição de criações sobre o continente africano. Colonialismo, com sua disposição de construir uma ideia sobre África, também será tema de debate nas produções visitadas por Núbia Aguilar, ao despojar da intenção de demonstrar diferentes abordagens e perspectivas para a escrita da História da África em diferentes discussões.

Pablo Blanco é outro autor que incentiva essa linha crítica de pensamento. Em entrevista realizada com um dos intelectuais mais influentes da Guiné Equatorial, Donato Ndongobidyogo, transborda incômodos na fala que nos ajudam a entender questões intrínsecas entre trajetória e produção de conhecimento. O colonialismo espanhol e a estruturação de outros sistemas de poder são postos em tela na busca de entender um pouco mais sobre as narrativas vividas por aqueles e aquelas considerados as margens, que passam por experiências que vão além das experimentadas no território africano.

Ao partilhar do tempo do agora, convidamos leitoras e leitores a visitar os temas que este dossiê traz. Que os questionamentos, debates e abordagens que a autora e autores apontaram seja

uma partilha, um momento profícuo para reflexão sobre África, que dizem não só sobre o passado, mas nos conduz a pensar sobre as demandas do nosso próprio presente. Revisitar o colonial teve por intenção atingir este propósito. Entregamos nas páginas que seguem o mesmo a vocês. Desejamos uma boa leitura.